GUERRA EM GAZA DEVASTOU INFRAESTRUTURA DE ENERGIA

*Por Massoud Derhally**



Imagem gerada por inteligência artificial (Microsoft Bing/Plataforma DALL·E 3).

A eclosão das hostilidades em 7 de outubro entre o Hamas e Israel devastou a infraestrutura de energia da Faixa de Gaza, onde vivem 2,3 milhões de palestinos.

As redes de transmissão e distribuição de eletricidade nas principais cidades e vilas da Faixa de Gaza foram "completamente destruídas", com uma perda monetária preliminar estimada em cerca de US$ 80 milhões, disse o presidente da Autoridade Palestina de Energia e Recursos Nacionais (PENRA, *Palestinian Energy and Natural Resources Authority*), Zafer Milhem, à Energy Intelligence.

Cerca de 70% dos ativos de energia solar de Gaza também foram destruídos pelo bombardeio de Israel, disse ele. "Dos 70 megawatts fornecidos pela energia solar, o que resta são 15 a 20 MW", disse Milhem.

Mesmo antes da crise atual, a Faixa de Gaza, sob bloqueio israelense por 17 anos, sofreu cortes de energia com duração de até 12 horas por dia, afetando os serviços de saúde, água e saneamento e minando a frágil economia do território.

A crise eclodiu com o ataque do Hamas a Israel, no qual mais de 1.400 pessoas foram mortas e mais de 200 foram feitas reféns. O subsequente bombardeio de Gaza por Israel matou mais de 10.500 palestinos, deslocou mais de 1,5 milhões de pessoas e destruiu mais de 51.000 casas, segundo o Euro-Med Human Rights Monitor.

COMO GAZA FOI ENERGIZADA

A Central Elétrica de Gaza (GPP, *Gaza Power Plant*), uma produtora independente de energia, de propriedade e operada pela Gaza Power Generation Co. (GPGC), subsidiária da Palestine Electric Co., foi a única central elétrica de grande escala no território antes do último surto de violência.

A eletricidade também era fornecida a Gaza a partir de Israel através de 10 linhas de transmissão, mas estas foram danificadas, segundo Milhem. "A maior parte do sistema de distribuição, os transformadores, tudo se foi. Vamos começar do zero", disse o vice-presidente do PEC, Walid Salman, à Energy Intelligence.

Esta é a quinta guerra de Israel em Gaza em 15 anos e as ofensivas militares anteriores danificaram a única central elétrica de Gaza.

A Consolidated Contractors Co. (CCC), com sede em Atenas, é a acionista majoritária da GPGC, que opera a GPP sob concessão da Autoridade Palestina.

O GPP tem uma capacidade de 140 MW, mas tem operado a 80 MW devido ao alto custo do óleo diesel e aos desafios de fornecimento. A conversão da central para gás natural poderia reduzir os custos de produção de eletricidade em dois terços, segundo algumas estimativas.

A procura total de eletricidade em Gaza é normalmente de cerca de 500 MW. As interrupções – que também afetaram a educação, a agricultura e as telecomunicações – aumentaram a dependência do território de geradores a diesel e de energia renovável. O abastecimento de água e as infraestruturas relacionadas foram um dos principais setores consumidores de energia em Gaza.

O déficit elétrico de Gaza era, em média, de cerca de 300 MW antes da crise, com uma procura de 500 MW e uma oferta de apenas 200 MW.

Antes da atual crise, os territórios palestinos da Cisjordânia e da Faixa de Gaza dependiam das importações de Israel para satisfazer suas necessidades combinadas de eletricidade de 1.643 MW.

A Israel Electric Corp. normalmente fornecia cerca de 95% das necessidades de eletricidade na Cisjordânia e 64% das necessidades da Faixa de Gaza.

GÁS PARA GAZA

Para satisfazer a procura crescente, a PENRA produziu um Plano Diretor de Gaza 2020-30, que inclui o projeto Gás para Gaza (G4G) que envolve a construção de um gasoduto que liga Gaza à rede israelense de gás natural.

A iniciativa fornece uma estrutura para a expansão da geração, transmissão e distribuição de energia. Inclui também a promoção e o desenvolvimento da geração de energia a gás.

O objetivo do G4G era fornecer gás natural à única central elétrica de Gaza e aumentar sua capacidade de 140 MW para 600 MW até 2033.

A ideia era que o gás pudesse fluir diretamente do campo marítimo de Gaza para o Egito, com Israel fornecendo volumes equivalentes a Gaza através de gasodutos.

O projeto G4G é uma parceria entre a PENRA, a UE, os Países Baixos e o Gabinete do Quarteto (*Office of the Quartet*, uma organização da ONU, UE, EUA e Rússia). O esquema previa que o Catar financiasse a construção do segmento do gasoduto em Israel e que a UE financiasse o segmento de Gaza.

O plano diretor também previa o gás natural do gigantesco campo Leviathan da Chevron, na costa de Israel, fluindo através de um gasoduto para Israel e de lá para Gaza através da nova extensão proposta. O custo total da extensão foi estimado entre US$ 110 milhões e US$ 120 milhões, disse Salman, do PEC.

O POTENCIAL OFFSHORE DE GAZA

Em 1999, o governo israelense do antigo primeiro-ministro Ehud Barak permitiu que a Autoridade Palestina conduzisse a exploração nas águas ao largo da Faixa de Gaza.

A BG – que foi adquirida pela Shell em 2016 – descobriu os campos de gás Marine 1 e Marine 2, a 30 km da costa de Gaza, os quais se estima conter um bilhão de pés cúbicos de gás natural.

A CCC e o Fundo de Investimento da Palestina (PIF, *Palestinian Investment Fund*) – o fundo soberano palestino – adquiriram a participação da Shell nos campos, sendo que cada um deles detém agora 50%.

O custo do desenvolvimento dos recursos de gás dos campos Marine de Gaza é estimado em 1,2 bilhões de dólares, de acordo com o *website* do PIF.

O projeto estava avançando em várias fases, incluindo estudos de viabilidade, *due diligence*, levantamentos da rota do gasoduto submarino e modelagem financeira.

Em 2022, foi alcançado um acordo inicial para trazer a Egypt Natural Gas Holding Co. (Egas) para um consórcio que desenvolveria as descobertas de gás no Marine de Gaza.

Nos termos desse acordo, a PIF e a CCC têm uma participação, cada uma, de 27,5%, e a Egas detém os restantes 45% e atua como operadora.

É provável que o Marine de Gaza tenha uma importância aumentada quando a atual crise terminar, embora não ofereça uma fonte direta de energia aos palestinos na Faixa de Gaza – nem substitua a necessidade de eletricidade importada de Israel.

"No final das contas, Israel tem que enfrentar a realidade de que mais cedo ou mais tarde isso vai parar e Gaza vai precisar de eletricidade, e eles são os únicos capazes

de fornecê-la", disse à Energy Intelligence um proeminente empresário envolvido na geração de energia. "Eu rejeitaria todas as declarações israelenses de que nunca forneceriam eletricidade", disse ele.

"O que eles estão fazendo agora é tentar levar as pessoas a se rebelarem, tornando suas vidas tão miseráveis quanto possível, para que se voltem contra o Hamas, e isso não vai acontecer."

"Alguém terá que reconstruir tudo isso", acrescentou.

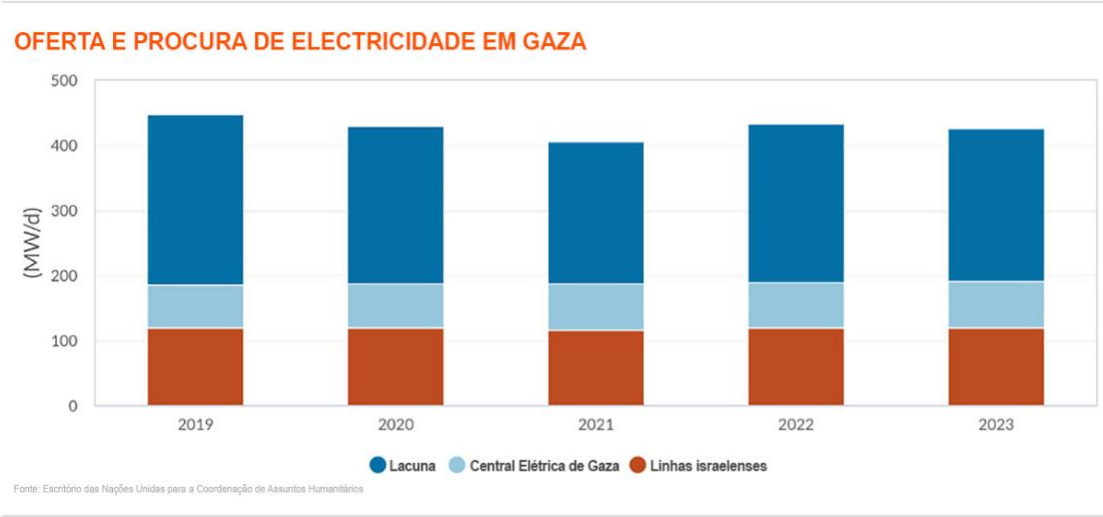


FIGURA 1: Oferta e procura de energia elétrica em Gaza.

Publicado no Energy Intelligence.

***Massoud Derhally** é editor de notícias do Oriente Médio e supervisiona a cobertura de notícias regionais do escritório de Dubai da Energy Intelligence. Ele tem mais de duas décadas de experiência em reportagem e consultoria no Oriente Médio e Norte da África. Atuou anteriormente como editor de negócios do The National nos Emirados Árabes Unidos, reportou para a Bloomberg News e a Agence France-Presse (AFP) e trabalhou como freelancer para Dow Jones Newswires/Wall Street Journal e New York Times, entre outras organizações de mídia. Massoud atuou em uma série de coberturas econômicas e políticas, incluindo eventos importantes como as revoltas da Primavera Árabe, as reuniões do Banco Mundial do FMI, o Fórum Econômico Mundial, a guerra de Gaza de 2008-09 e a guerra do Líbano de 2006. Massoud possui mestrado em Estudos Internacionais e Diplomacia pela SOAS da Universidade de Londres e mestrado em Gestão e Administração de Empresas pela Universidade de Boston.*